

blicana. Era Cavaleiro da Legião de Honra, da França, e de Santo André, da Rússia. Publicou muitos trabalhos forenses e discursos. Jornalista, escreveu em diversos diários de Fortaleza e do Rio de Janeiro. Faleceu em 19 de julho de 1901, na antiga Capital Federal.

6 — GENERAL Antônio TIBÚRCIO Ferreira de Sousa. Um dos grandes símbolos da bravura militar brasileira, sobre ser homem de sólida cultura, forrada de excelentes fundamentos filosóficos. Nascido em Viçosa, hoje Viçosa do Ceará, a 11 de agosto de 1837, e falecido em Fortaleza no dia 28 de março de 1885. Em sua cidade natal, está homenageado com uma bela estátua de bronze. Fez a campanha do Paraguai, onde se glorificou pela sua coragem e tática irrepreensível. Na capital cearense ergue-se outra estátua sua, em cuja cripta demoram os seus restos mortais. Nem é preciso dizer muito, aqui, desse eminente soldado, tão conhecido e reconhecido o valor de sua personalidade.

7 — CONSELHEIRO TRISTÃO de Alencar Araripe. Filho do grande herói e mártir da Revolução de 1824, Tristão Gonçalves, e D. Ana Triste, nasceu em Icó, no dia 7 de outubro de 1821. Faleceria no Rio de Janeiro, em 3 de junho de 1908, após ter feito majestosa carreira no campo do Direito, do que deixou como prova a sua vasta obra de cunho histórico, literário e jurídico, muitos dos seus trabalhos publicados sob o pseudônimo de "Philopoemen". A sua *História da Província do Ceará desde os tempos primitivos até 1950* é valiosa e pioneira. Diplomou-se em 1845 pela Academia de Direito de São Paulo e logo depois foi nomeado Juiz Municipal de Fortaleza, Juiz de Direito de Bragança, Pará. Desembargador dos Tribunais de Apelação da Bahia, São Paulo e da Corte. Por fim, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Presidiu às Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará. Representou a sua província, em três legislaturas, na Câmara Geral. Foi Ministro da Justiça e da Fazenda no Governo do marechal Deodoro da Fonseca.

Pertenceu ao Instituto Histórico Brasileiro. Pai de Araripe Júnior, Patrono da Cadeira nº 39.

8 — Francisco Antônio de OLIVEIRA SOBRINHO. Fez os estudos primários em Baturité, onde nasceu em 23 de outubro de 1844, sendo seus pais Manuel Antônio de Oliveira e Francisca Leopoldina de Oliveira. Os preparatórios, fê-los no Recife, em cuja Faculdade de Direito se bacharelou, em 1870. Ainda acadêmico, no 3º ano, ofereceu-se como voluntário para a campanha contra o Paraguai, de lá voltando no posto de Capitão, por atos de bravura. No Ceará, foi Juiz Municipal de Pereiro e Jaguaribe. Com a República, ocupou o cargo de Juiz de Casamentos de Fortaleza. Deputado Estadual. Mudando-se para o Amazonas, em Manaus dedicou-se à advocacia e fez jornalismo. É de sua autoria o conhecido drama *Júlia* e outras peças de teatro. Em folhetins, no jornal *Constituição*, de Fortaleza, publicou o romance *Mário, ou as desventuras de um voluntário* (1869). Foi abolicionista da linha de frente. Faleceu em Fortaleza, a 4 de outubro de 1897.

9 — Francisco de PAULA NEY. O tão aclamado poeta e boêmio, exímio repentista e dono do humorismo. Filho do alfaiate Mariano de Melo Ney e Carlota Cavalcante, conheceu a luz do dia em Fortaleza, a sua “loira desposada do sol”, a 2 de fevereiro de 1858. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, ali, se tornou o moço mais popular da grande metrópole e “um dos que mais justificam essa popularidade”. É do jornal *República* do Rio: “Dotado dum talento másculo para se fazer admirado, o poeta cearense reunia todas as qualidades do boêmio, espírito em alto grau, desprezo absoluto dos pequeninos nadas, que constituem quase sempre a origem das grandes misérias humanas, e um grande coração, tão grande mesmo que para ele a amizade não era uma virtude, era pouco menos que uma religião.” E de *A Notícia*: “O nome desse inolvidável rapaz ficará como uma tradição imorredoura da boêmia incomparável que, de vinte anos para cá, fez a alegria e a glória de nossas gerações literárias.” Vítima da tuberculose pulmonar, morreu na antiga Capital da República aos 13 de outubro de 1897.